

BRASIL — PORTUGAL

16 DE NOVEMBRO DE 1907

N.º 212

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50. — Lisboa.

Campanhas d'Africa



Capitão José Augusto Alves Roçadas

Commandante da columna de operações no sul de Angola



Dr. João d'Almeida

Capitão do estado maior, commandante da columna de operações contra os Dembos

Vão no logar de honra do nosso jornal os retratos dos dois principaes heroes das recentes campanhas d'Africa — os capitães Alves Roçadas e João d'Almeida que toda a nação hoje conhece e a quem venera como filhos queridos que muito a souberam honrar.

De vez em quando, no meio dos desanimos d'uma politica poucas vezes leal e nem sempre inspirada pelos verdadeiros interesses do paiz, apparece um raio de luz que nos aquece a alma e nos illumina o futuro, mostrando-nos que não estão extinctas as velhas qualidades da raça portugueza que presentemente, como ha seculos, continua a afirmar-se nos campos de batalha como uma raça forte e dominadora.

Quando assim acontece como ha pouco, quando os telegrammas annunciam ao paiz o triumpho das nossas armas, então todos se sentem penetrados d'uma idéa consoladora, todos vêem risonho o futuro de Portugal, todos festejam ruidosamente a victoria e todos se preparam para acclamar delirantemente os heroes que souberam honrar a nação com as suas façanhas guerreiras, isto é, pela forma ainda hoje mais grata ao nosso coração de portuguezes.

Que breve regressem á metropole os capitães Alves Roçadas e João d'Almeida e os soldados do seu commando, para que o povo da capital vá recebê-los com todo o carinho e enthusiasmo como se recebem aquelles que voltam da guerra, honrados e honrando a patria!

VIDA ELEGANTE

EM EVIDENCIA

Ao vê-la hoje sempre elegante nas suas *toilettes*, que eram o desespero das mais exigentes, ao lado de seu marido, antigo consul em Madrid, evocamos essas lindas tardes de outomno, em que uma distinctíssima amazona, ao lado de seu pae, o sr. conde de Paço do Lumiar, e do sr. Gagliardi, seu professor d'equitação, passeava a cavallo pelas ruas de Lisboa, pondo uma nota *chic* no alto *sport* da cidade, atrahindo a curiosidade de todos os que pas-



A sr.ª Baronesa de Ortega

(Cliché de M. Huerta — Madrid).

savam, ás horas de maior movimento, e em muitos deixando uma recordação indelevel da sua bella figura de amazona.

Em Madrid, terra em que a moda impera, e a *côrte* se impõe, a consueza de Portugal forma *au premier rang*, occupando na alta roda um logar de honra, graças á distincção que a caracteriza, á afabilidade que todo o seu ar respira, á sua nobre e aristocratica linha de grande dama.

De fórma que o velho reino, assim tão gentilmente representado, não tem senão uma coisa a fazer: mandar um cartão de agradecimento... á sr.ª baronesa de Ortega.

Os filhos do sr. D. José Gil Borja de Macedo e Menezes (filho)



D. Thereza, D. José e D. Alvaro

(Cliché de Vidal & Fonseca).

EM FÓCO

Uma das mais agradaveis missões do *Brasil-Portugal* é a de fazer destilar por estas columnas toda a alta genealogia do reino. Não quer dizer que se recuse logar á mais recente, e que se dê titulo de nobreza apenas ao sangue herdado. E' o contrario que esta Illustração todos os dias está exemplificando na forma de germanar as duas nobrezas: a da tradição e a do trabalho.

Logar á velha guarda: é o caso de hoje, porque hoje abrimos as portas a uma das mais sympathicas figuras da velha aristocracia



Marquez do Funchal

(Cliché Reilondo — Lisboa).

portugueza. Corre-lhe nas veias sangue real, e ennobrecem-lhe o coração e o espirito qualidades que outros invejariam, mas se ha quem não blazone da sua sterpe, nem pretenda importunar os outros com prosapias inúteis, é elle. Funcionario intelligente e prestimoso, deve-lhe o Estado alguns serviços, homem culto e de sociedade, não ha quem, pela finura do tracto e primores da educação, conquiste mais desinteressadas sympathias. Inutil é dizer o desvanecimento do *Brasil-Portugal* em acompanhar hoje com palavras justas o seu retrato.

Ad Astra

(A Antonio Avelino Joyce)

Oh lagrimas de mãe, oh perolas bemditas,
Choradas tanta vez por quem vos não merece,
Vós que sois a divina, a inegalavel prece,
Feita d'amor e esp'rança— as coisas infinitas:

Voae, subi ao céu, ao céu que vos entende,
Lagrimas que falais com tanta eloquencia,
E vinde encher de luz a nossa consciencia,
A ver se assim, sem mancha, esta um momento ascende...

Afonso Vargas.

O convento de Santa Clara, no Porto

Foi a ultima casa de religiosas que terminou no Porto pela morte da ultima professa; hoje está destinada ao Dispensario D. Amelia, que funciona na ala do nascente, e ao Aljube e repartição de policia, que occupam o poente do edificio, ficando ao centro o velho templo onde uma irmandade mantem o culto.

A ordem franciscana possuia dois conventos de freiras na cidade invicta, o da Madre de Deus de Monchique, fundado em 1575 por D. Beatriz de Vilhena na freguezia de Miragaya, proximo ao rio, e

Egrejas, mosteiros e capellas



Porto. — Convento de Santa Clara
(Cliché de Alberto Ferreira — Porto).

o de Santa Clara no local outr'ora conhecido pelo nome de Carvalhos do Monte. Ambos tinham grande importancia, longa chronica de austeridades penitenciaes, e ambos se condecoravam com o titulo de Reaes Mosteiros.

O convento de Santa Clara tem a sua origem na modesta fundação que em 1264 realisou no logar do Torrão, proximo da conhecida e hoje tão visitada povoação de Entre Ambos os Rios, D. Chama Gomes. Alli viveram as freiras até ao seculo xv em que, por instancias de D. Filippa de Lencastre e do Padre João de Xira, obtiveram de D. João I a concessão de terrenos e a mudança para o Porto.

A solemnidade da inauguração do edificio e assentamento das primeiras pedras do templo foi uma das apparatusas festas a que este monarcha assistiu bem como o infante D. Fernando e o conde de Barcellos, Affonso, bem assim o bispo do Porto D. Fernando, o bispo de Maiorgas D. Lourenço, o bispo de Marrocos D. Nicolau e toda o côrte que n'essa época estava ao serviço no Porto.

Possuam as freiras d'este convento importantes rendimentos e celebravam no seu templo todos os actos do culto com extremado esplendor. Actualmente ainda se mantem o costume de sahir d'alli, em sexta feira santa, uma apparatusa procissão do Enterro do Senhor, promovida pela ordem terceira de S. Francisco e acompanhada pelos regimentos da guarnição militar do Porto.

A frontaria do templo é um curioso exemplar de estylo bysantino nas suas affinidades com o gothico que lhe succedeu; o interior do venerando sanctuario é todo coberto a talha dourada com espessas grades nos dois côros, um apparatuso retabulo e um jazigo de familia nobre com as armas dos viscondes de Villa Nova de Souto d'El-Rei.

Durante quatro seculos e meio que esta casa claustral esteve

ASSUMPTOS RELIGIOSOS



A ceia do Senhor
Quadro de Leonardo de Vinci

em acção piedosa; houve alli notaveis religiosas que se distinguiram pela virtude, pelo talento, pelo genio artistico e até pela assiduidade com que se mantiveram na clausura, destacando-se uma que viveu cento e vinte annos dentro do convento e outra que durante sessenta e um annos exerceu o cargo de abbadessa.

Apesar do abandono em que está a parte do convento, que fica ao sul do templo e que vae fazendo a antiga muralha da cidade até a um mirante d'onde se gosa uma esplendida paizagem, quem hoje visita este cenobio extincto ainda encontra alguma cousa de memoravel nos vestigios da vida ascetica, alli decorrida no longo espaço de quatrocentos e quarenta e oito annos.

F. J. PATRÍCIO.

«Enterrado vivo! . . .» Quantas medidas se não tomam para evitar um tal perigo? Mas ha almas enterradas vivas, corações enterrados vivos, intelligencias enterradas vivas, e quem é que pensa em tal?...

PADRE JOSEPH ROUX.

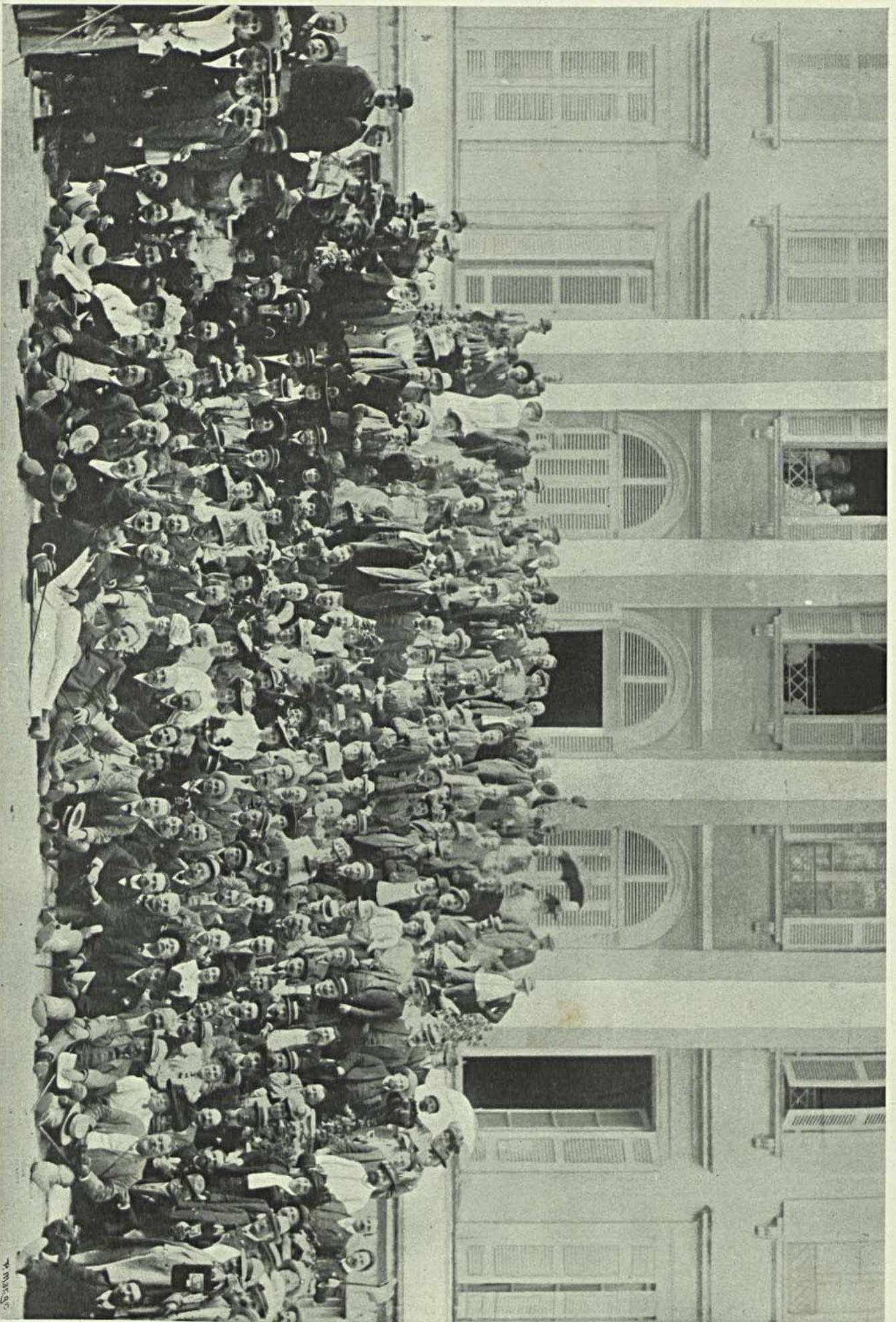


Conselheiro d'Estado José Vicente Barbosa du Bocage

† a 3 de novembro de 1907

Conselheiro d'Estado, Par do Reino, antigo ministro, tão grandes e valiosos foram os seus serviços á sciencia, que sobre a memoria do estadista fica prevalecendo a do sabio. Em actividade politica, dedicacão civica, patriotismo, muito lhe deveu Portugal, mas o que lhe deu renome europeu foi a sciencia a que consagrou o melhor das suas faculdades e a parte mais nobre da sua vida. É dos raros que fazem falta, porque é dos raros, que pelos meritos individuaes valorisaram e engrandeceram os creditos gloriosos da patria.

Congresso Internacional das Associações de Imprensa, reunido em Bordéus em 1907



Grupo dos congressistas tirado á entrada do Chateau Margaux, no dia 23 de setembro de 1907, por ocasião da visita aos vinhedos de Médoc
(Ochil's Terperan - Bordéus).

A. MARX

Notas e impressões do congresso de Bordeus

O Congresso das associações de imprensa que este anno se reuniu em Bordeus, na grande região commercial da França, n'estes ultimos annos transformada n'uma grande cidade que rivalisa bem com as mais lindas capitães do mundo, tem na ordem chronologica o decimo primeiro logar, mas pela sua organização especial fica occupando algumas das principaes paginas no li-



Bordeus. — O monumento dos Girondinos

vro de memorias dos congressistas de todo o mundo. A tres congressos temos assistido já: ao que se reuniu em Vienna d'Austria em 1904, em 1905 ao de Liege e agora ao de Bordeus, e todos elles se não teem sido muito fructiferos para os interesses e direitos das associações de imprensa, teem, forçoso é confessar, sido largamente brilhantes em festas e diversões. Ha n'essas centenas de jornalistas de todas as nações um prazer especial, grato á memoria e ao coração, em se encontrarem todos os annos. Alguns desaparecem no esquecimento da turba multa, mas muitos se avivam e revivem no nosso cerebro. Ha figuras typicas que ficam marcadas, outras triviaes e vulgares que passam despercebidas, algumas que se gravam com o encanto da sua conversa, o valor do seu intellecto, a importancia da sua obra ou a fama do seu nome. Pela nossa frente, como n'um cinematographo, passam os mais variados typos, de todos os feitos e de todas as nações, de todas as cidades e de todos os ideaes. Salta-nos aqui o espirito gaulez dos francezes, prendenos acolá a fleugma interessante dos filhos da Albion. Mais adiante, a excentricidade americana emociona-nos; a ambição de orgulho germanico faz-nos reflectir; obriga-nos a pensar a alegria dominadora da Italia. Em todas essas pequenas colonias que se agrupam á roda de uma mesa de banquete, divididas pelas fronteiras e pelos letreiros, mas unidas pelo pensamento commum — a ordem do dia de um Congresso internacional, — ha muito que aprender, muito que meditar. As grandes qualidades e os grandes defeitos dos varios povos syntetizam-se, na perfeição, em cada um d'esses grupos, e estes afastam-se ou approximam-se conforme as relações politicas ou os ideaes artisticos que afastam ou approximam as suas nações respectivas, e, coisa curiosa, entre tanta diversidade de raças e tantas fronteiras, uma só surge absolutamente radical, marcando differenças e caracteres: a da raça latina, que se expande, alegre como a luz do sol que a illumina, quente como o solo onde irradia e floresce. A França tem hoje n'estes congressos, como não podia deixar de ter, a sua preponderancia absoluta e indiscutivel. A sua litteratura e o seu jornalismo que se espalham

veloz e facilmente por todo o mundo civilisado, imprimem uma nota especial ás sessões do Congresso, onde se diria que o seu espirito ligeiro e humoristico é contrabalançado pela ponderação da palavra ingleza ou pelo reflectido senso germanico, como a potente força artistica da Italia é sopeada pela frieza scandinava, ou pelos gelos slavs. Um bom observador, em face de cada um d'esses grupos, marcar lhes-hia com a precisão do melhor thermometro, o grau de temperatura dos seus paizes, e assim como no brilho dos olhos das mulheres se pôde reflectir o brilho do sol que lhes aqueceu o berço e no sorrir de uns labios perfumados o segredo mysterioso de encantos physicos infinitos, assim na expansão maior ou menor de cada uma d'essas almas, se pôde facilmente estudar o temperamento como o sentimento, o ideal e a ambição, a força, a fraqueza, tudo quanto pôde dominar ou sacudir organismos e cerebros.

As sympathias que unem os diversos povos unem por egual os seus representantes. As barreiras interpostas até ha annos entre allemães e francezes, por exemplo, tendem a desaparecer como se traduziu no ultimo brinde de um allemão em Guethary, a derradeira *étape* do Congresso de Bordeus.

— Viva a França, e até Berlim, foi o adeus de despedida soltado por um dos mais entusiastas propugnadores d'estes congressos, o vice-presidente do *comité directeur*, Mr. Schweitzer. Em Berlim, com effeito, será a primeira reunião do Congresso.

Mas a facilidade com que se ordenam os grupos, não é a mesma quando se trata de conhecer os personagens. N'estas rapidas relações que se criam e se perdem entre uma sessão de trabalho e um almoço festivo, succedem as mais extravagantes peripecias. Cavaqueia-se com um *charmeur* e sahe-nos um industrial; um macambusio dá nos um dialogo humoristico; um estouvado surge-nos um sabio; uma mulher *coquette* uma pensadora; um chochinha um diplomata; até um musico n'um surdo, e um esculptor n'um myope. E' o cahos internacional que nos espera e apavora. Um confrade russo, nosso companheiro de viagem, verdadeiro *typo de judeu*, que se extasia a miudo ante a elegancia de um cavallo e a meiguice de um cão, entusiasta animalista, incapaz de admirar a natureza, indifferente ao movimento luxuoso da vida, impassivel deante da belleza de uma mulher ou do encanto de uma paisagem, vibrava todo descobrindo ao longe a orelha de um gerico ou a cauda de um gato! E, a seu lado, a mulher feia e fina, figura *élancée* e distincta, elegantissima no seu corpo flexivel e magro, sorrindo com um certo ar bondoso de dona de casa burgueza, encobria a mais entusiasta admiradora de Tolstoi, a sua traductora predilecta, a cuja penna deve a livraria franceza os melhores livros do celebre romancista russo e o theatro parisiense vae dever uma das suas peças mais afamadas.

Bem verdadeiro o dictado: — quem vê caras, não vê corações... Por isto não se vá julgando que a obra do Congresso se eclipsou



Bordeus. — Grande-Theatro

Foi nas salas dos concertos que se realisaram as sessões do congresso

toda em *menus* e brindes. Não; o Congresso percorreu com interesse as tres principaes regiões vinícolas de Bordeus: a de Saint-Emilion, a de Médoc e a das Graves, viu com os seus proprios olhos o fabrico do vinho, escutou a fórmula de lhe preparar o *typo* e dar o perfume, mas discutiu tambem o segredo profissional do jornalista, problema debatido já muito no Congresso de Liège; bebeu e saboreou as mais velhas e ricas marcas de vinho, admirou os mais antigos castellos da França, onde principes e condes trabalham as suas vinhas

com o gosto e o cuidado com que um escriptor pôde trabalhar um pedaço da sua prosa, mas occupou-se tambem da redução das tarifas postaes para os jornaes e telegrammas da imprensa, questão tratada ha annos em Roma; passeou pela bahia de Arcachon, foi ao encontro das primeiras vagas do Oceano que ao longe rugiam ameaçadoras, aspirou o ar puro dos pinheiros que salpicam a cidade de inverno, enguliu duzias de ostras, o grande aperitivo da terra que d'elle arranhou uma das fontes mais importantes do commercio local, mas occupou-se tambem do duello entre jornalistas, deixando expresso o voto de que todas as associações concorram para que os Parliamentos dos seus paizes entreguem a tribunaes



Bordeus. — EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL MARITIMA. — A entrada

arbitraes a honra offendida dos jornalistas, adiando o assumpto para o Congresso de 1908. Comeu e bebeu mas trabalhou. Fez discursos e ouviu musica, visitou a Exposição que a Bordeus estava chamando enorme concorrência, uma interessante exposição maritima, — da qual algumas vistas acompanham hoje este artigo, — organizada em pleno centro da cidade, á roda d'esse lindo monumento aos girondinos, começado a construir em 1895 e que como obra de arte tem cousas verdadeiramente lindas, outras em realidade dispensaveis. No cume, a estatua da Liberdade com as algemas quebradas e a palma da victoria, allegoria que ficaria a matar no dia 2 de janeiro no meio da nossa rua da Emenda. Aos pés da columna, na face principal, a Historia e a Eloquencia, acompanhadas do celebre gallo gaulez. Este gallo dourado destôa extraordinariamente do magnifico conjunto formado pelos grupos do pedestal. Na face oposta, a cidade de Bordeus apparece entre a Garonne e a Gironde. O effeito geral não ha duvida, é magnifico, mas visto em detalhe pesa um pouco pela abundancia dos assumptos escolhidos para os grupos, verdadeiras torres de Babel da historia, em que se symbolisa a Abundancia, a Concordia, o Commercio, a Industria e as Artes, a Felicidade, a Republica com a sua trilogia, o Trabalho a prestar lhe juramento de fidelidade, a Segurança, a Força, e ainda por cima a Instrucção e o Serviço militar, ao passo que no abysmo se lançam a Ignorancia, a Mentira e o Vicio.

Como vêem uma verdadeira *pête mêle!* Uns poucos de monumentos n'um só, mas que bellezas de esculptura, e que magnificencia de concepção!

Na parte inferior da exposição havia uma feira popular menos concorrida do que habitualmente costuma ser, porque se vedara o recinto só accessivel aos visitantes da exposição. N'essa feira havia barracas curiosas. Sem nos querermos demorar contando o que era uma viagem a Napolos dentro de pequenos barquitos impellidos pela corrente da agua em estreitos riachos formando zig zags n'uma relativa area de barraca, até se desembarcar admirando uma estatua... de papelão que fingia despenhar-se de repente sobre o visitante curioso, não devemos deixar de mencionar uma outra barraca onde a troco de cincoenta centimos se entrava, se sentava n'uma cadeira, e fechando-se a porta, começava pouco a pouco toda

a casa a andar á roda. Pura illusão de optica dizia o chamariz mas no fundo um interessante invento que a amabilidade dos exploradores explicava ao publico depois de lhe ter spanhado o preço da entrada. Qual optica nem qual illusão! Era realmente a casa que andava á roda. Perfeita caixa fechada girava em torno das nossas cadeiras collocadas sobre uma especie de tablado, seguro por um eixo. Muito simples mas de effeito tão extraordinario que um dos meus companheiros, enjoado, pedia que lhe acudissem, entre os protestos dos outros que queriam mais...

Na exposição internacional maritima havia installações muito curiosas. Em geral, quasi mesmo na sua totalidade, as varias secções e até as barracas isoladas eram servidas por caixeiras de todas as nações. Havia por exemplo o leite de vacas normandas, servido por uma rapariga da região, fresca e rosada; chocolate inglez vendido por louras misses; frituras italianas offerecidas por milenesas; bombons suissos por filhas do paiz, e procurando com attenção facil era encontrar allemãs, suecas, e até hespanholas falando portuguez como por exemplo uma catalã que não devia nada á formosura, que conhecia o Porto e vendia agora ceramica hamburgueza.

Sempre que lá fóra encontramos alguem que conheça a nossa lingua, sentimos um grande prazer, o que não significa que nos entristeça o isolamento n'um meio movimentado e alegre. Não vamos até comprehender a tristeza que uma vez assaltou um compatriota nosso, n'uma visita á Italia, de onde voltou até doente, porque nem uma só pessoa o cumprimentava, mas registamos a impressão causada sempre que, ao nosso lado, alguem que nos ouve ou que nos conhece surge a falar a nossa querida lingua.

No banquete dado em honra do congresso, no theatro Alhambra e ao qual foi presidir o ministro dos Estrangeiros Mr. Pichon, que por signal fez um bello discurso saudando os chefes de Estado de todas as nações alli representadas, havia um creado que de quando em quando viamos, parado, olhando-nos e aos outros portuguezes, com uma certa curiosidade. Depois dos discursos passou-se ao jardim de inverno do theatro, onde foi servido em *petites tables*, o café, licores e charutos. Haviamos abancado a uma d'essas mezas com dois compatriotas. O tal creado approximou-se e em portuguez perguntou nos:

— V. ex.^{as} estão já servidos?

Perguntámos lhe logo onde havia aprendido o portuguez. Em Portugal porque aqui nascera. Como fóra alli parar? E o nosso compatriota, em phrase empolada, e tom declamador de artista de theatro secundario, contou-nos toda a sua vida... um tanto embrihadamente, valha a verdade. Falava e escrevia quatro linguas. Nascera em Castello Branco, sahira do Porto depois de 1890, ou



Bordeus. — EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL MARITIMA. — Um aspecto

talvez mesmo n'esse anno em janeiro! — ah! está um ponto em que elle foi um pouco omisso, — tinha percorrido muitos paizes e casara se em Bordeus onde vivia. Dentro de um mez tencionava ir como creado a bordo de um dos paquetes da carreira do Brasil, e á volta visitar Lisboa.

— Sebastião Rodrigues Barata, exclamava elle com certa emphase, terá então a honra de visitar a sua patria, e — accrescentava com ares melodramaticos e tão grandes gestos que entornou o café todo, — *á minha patria que me deu o berço quero eu dar o tumulto!*

Parece-nos que o sr Barata aprendeu a declamar com o pobre actor Verdial, alma de poeta que devaneava, falando ao povo, do alto de uma janella municipal á espera da policia que o havia de prender.

JOÃO EDUARDO PACIFICO DE SOUZA

Em 2 de novembro do corrente anno, dia que a igreja consagra piedosamente á commemoração dos mortos queridos, deixou de existir o tenente coronel reformado do exercito da Africa Oriental cujo nome vae no alto d'esta pagina.

Muito novo ainda partiu este incançavel servidor do seu paiz para a provincia de Moçambique em companhia de seu pae, o major José Pacifico, que por lá passou alguns annos no desempenho de commissões de confiança, como foram os governos dos districtos de Sofala e de Quelimane. Ainda tivemos o prazer de lhe apertar a mão pela ultima vez em Moçambique, em 1868, quando elle embarcava na barca franceza *Felix* de regresso a Portugal via Marselha.

João Pacifico sentou praça mesmo em Sofala, e por lá foi subindo os postos inferiores até ser despachado alferes em 1868 se não estamos em erro; percorrendo amudadas vezes todos os dis-



Tenente coronel João Eduardo Pacifico de Sousa

† a 2 de novembro de 1907

trictos da provincia quer nos portos do littoral quer nas povoações sertanejas, adquirindo grande desembaraço em varias linguas indigenas, o que constituia uma preciosa vantagem para o exercicio d'essas commissões de serviço e uma enorme superioridade sobre a maior parte dos seus camaradas.

João Pacifico foi administrador do hospital de Moçambique sob a direcção do chefe do serviço de saude Dr. Faustino José Cabral, introduzindo profundas reformas regulamentares, inaugurando uma disciplina a que alli se não estava muito habituado, pois que todo o pessoal menor de enfermeiros e serventes se compunha de sentenciados por grandes crimes; commandou destacamentos dos batalhões em que esteve arregimentado e sempre se houve com a maxima correcção merecedora a confiança de todos os seus superiores.

Em 1874 acompanhou o auctor d'estas linhas ao Zambeze a bordo da canhoneira *Tete* como conhecedor da região, dos seus habitantes, dos usos e costumes e da lingua, e desempenhou assignalados serviços em circumstancias ás vezes bem difficeis, em Sena, na Maganja, no Guengue, no Ziu-Ziu, no Mazaró e no Inhamissengo. Foi encarregado de acompanhar comboios de viveres e de dinheiro para *Tete*, no tempo em que o rio se achava interceptado ao trafego licito pelas correrias dos Bongas, o que era sempre tarefa difficil e arriscada, cercada de mil contingencias inesperadas.

Fez parte da expedição que, no tempo do governo do coronel D. Antonio de Lacerda, foi mandada combater e submeter o Bonga em 1868 sob o commando do major de cavallaria Guilherme de Portugal, e que foi derrotada e dispersada a 5 de agosto d'esse anno perecendo nos areiaes do Zambeze na ponta das zagaiaes, ou aos golpes de afiadas machadinhas a grande maioria dos officiaes e soldados entre os quaes o proprio commandante em chefe, o capitão Antonio Valdez e muitas outros. João Pacifico a quem nenhuma responsabilidade podiam ser attribuidas por tal desastre, esteve muitos mezes encarcerado na fortaleza de S. Sebastião de Moçambique com os outros officiaes sobreviventes e veiu finalmente a ser julgado e absolvido em conselho de guerra como não podia deixar de o ser.

Mais tarde, no tempo do governo do bravo militar José Guedes de Carvalho e Menezes que veiu a fallecer conde da Costa, foi João Pacifico nomeado capitão-mor das Terras Firmes no Mussuril, continente fronteiro a Moçambique, e alli prestou serviços muito notaveis, entre os quaes citaremos a audaciosa captura do temivel Xequé da Matibana Ali Herri, realisada em condições excepçionaes

de perigo, mas com uma oportunidade, uma decisão e um exito, que só pôde pôr em pratica quem dispõe da grande experiencia e conhecimentos locais de que dispunha esse brioso militar cuja falta hoje tão sentidamente deploramos.

Para bem se avaliar o que era o temivel poder d'esse chefe arabe de ominosa memoria, nos portos de cujo territorio floresceu sempre o trafico da escravatura, em Nakala, Quissimajulo, Krusse, porto Velhaco e Quitangonha, podemos recordar que em 1864 andando nós em cruzeiro em uma lancha de vela na bahia da Conducia, recebemos alguns tiros da pequena enseada da Chicôma, por termos tido o atrevimento de visitar e examinar um pequeno pangaio nas aguas d'essa enseada. Ali Herri, depois de capturado por João Pacifico, proeza que a este não grangeou a Torre e Espada, nem ao menos um elogio, foi mandado descançar na ilha de S. Thiago no archipelago de Cabo Verde e lá morreu talvez de nostalgia mas na mais completa miseria.

João Pacifico reformou-se muito cedo e cheio ainda de vigor, sem qualquer molestia das muitas que facilmente se adquirem em Africa, dotado de grande boa vontade e aptidões para trabalhar em outros ramos de actividade, dispoz-se a continuar. Tinha então o posto de tenente coronel e n'elle mesmo se retirou do serviço por não ter o tempo necessario para lhe dar direito ás honras do posto immediato. Empregou-se depois como dirigente de trabalhos commerciaes de uma companhia denominada Africana, com séde em Quilimane, e alli empregou larga e efficazmente todas as suas energias, faculdades de trabalhos e conhecimentos locais, dando ao commercio da dita empreza um vigoroso impulso e contribuindo com as suas activas diligencias para desenvolver a agricultura nas mãos dos indigenas pequenos proprietarios.

Conjugado esse esforço com a larga politica iniciada em 1898 da administração dos prazos da corôa por conta do governo, e por acção directa de administradores seus, começou então a raiar no districto de Quilimane uma época de segurança da propriedade, de garantias de agricultura e producção, e de certeza de vendas que muito deveriam concorrier para a crescente prosperidade agricola das terras, pondo cobro a muitos inveterados abusos praticados por alguns senhores *arrendatarios* de prazos, como elles erradamente se faziam chamar, e acabando com uma das principaes causas de desasocego e desaffeição dos pretos.

Não é aqui o logar nem azada a occasião para discutir as vantagens do systema que pretendemos inaugurar então para administrar os prazos da corôa, acabando com inveterados e leoninos monopolios e extorsões; diremos apenas que esses monopolios em ponto pequeno foram substituidos por outros em ponto muito maior, com a introducção das grandes companhias com poderes magestáticos que avassalam tudo, que esterilizam as iniciativas, que absorvem a propriedade, que impedem e suffocam o pequeno agricultor e que teem reduzido consideravelmente as exportações de Quilimane. Será tal assumto tratado em outra occasião e por isso voltamos ao que iamoz dizendo.

João Pacifico que era muito activo e desembaraçado e que a par das suas occupações como gerente da Companhia Africana sabia achar ocios para outros trabalhos, foi eleito vereador e presidente da camara municipal de Quilimane, e n'esse cargo prestou novos e importantes serviços, ainda hoje lembrados com viva saudade.

E' a villa de Quelimane assente na margem esquerda do rio dos Bons Signaes em terreno apaulado e quasi de nivel com as aguas, cortado por varios sulcos normaes á margem ou *mucurros* como alli lhes chamam, que dão esgoto difficil ás aguas das terras proximas. Esses *mucurros* cortam em diversos pontos as duas grandes ruas principaes que correm parallelas ao rio, passando n'esse tempo sob toscas pontes de madeira geralmente em mau estado. A camara municipal, depois de ter posto em ordem as suas atropalhadissimas finanças, construiu pontes de tijolo de caracter duradouro, que muito contribuíram para facilitar o transito e para o aformoseamento da terra.

Concluiu o vasto edificio dos Paços do Concelho, edificou uma bella, ampla, alegre e hygienica escola de primeiras letras para o sexo masculino e outra para o feminino; augmentou a arborisação ao longo das ruas, regularizou estas, construiu um robusto muro de defeza marginal ao longo do rio em uma extensão de mais de mil metros, e adornou-a com uma bella avenida; encomendou e collocou n'essa avenida e em todas as principaes ruas e praças candieiros de illuminação publica idos de Lisboa e muito bons, construiu um mercado para generos de agricultura, animais domesticos, comestiveis, etc., e finalmente iniciou uma época de reformas rasgadas e civilisadoras que teem posteriormente sido imitadas e seguidas e que muito teem contribuido para o engrandecimento da lindissima villa africana.

João Pacifico era casado com uma senhora nascida na provincia, de illustre ascendencia, primorosamente educada e que lhe deu cinco filhos: quatro senhoras e um rapaz. Tres d'essas senhoras estão casadas, uma com descendencia, restando hoje apenas a mais velha solteira, e o rapaz ainda em estudos, para acompanhar a pobre viuva na sua triste desolação. João Pacifico foi um solícito e exemplar chefe de familia.

João Pacifico baixou á sepultura com sessenta annos incompletos; e tendo-o nós conhecido durante quasi quarenta não lhe conhecemos um unico inimigo.

Paz á sua alma!

Dois dedos de conversa

(Continuação)

O theatro moderno, a desgraçadissima peça de these, não educa porque nos mostra o mal para o evitarmos mas sem nos ensinar a remedial o. Mostra-nos os precipícios para nos despertar a curiosidade de os vermos de mais perto, fiados que sempre estamos nas nossas forças. E, a lá cahirmos, porque não nos procuram ensinar a sahir d'essa mau passo? Preferem a solução da loucura ou do suicidio.

O romance da actualidade que se arroga fóros de didactico, o theatro de hoje com as suas tendencias pedagogicas, desmoralisa-

ellas, as nossas queridas companheiras n'esta vida, já se não contentam com a banalidade de um amor á antiga. Pois tambem ellas se tornaram intellectuaes ou pretendem sê-lo na sua simplicidade e assistem a uma *première* de theatro livre com um *aplomb* que faz rir. D'antes entregavam-se de corpo e alma, sem restricções, sem remorsos, sem crime; hoje, sugestionadas pelas leituras modernas, procuram estudar n'um beijo a *psychologia* do amante.

Que horas de infinita felicidade não passariam os homens de ha dois seculos, escutando as phrases de apaixonada ingenuidade de então.

Eram tão meigas na sua encantadora estupidez!

D'antes entrava-se n'uma sala resplandecente de luz, coberta de pannos de Arrás e esboçando se um sorriso entre dois passos de minuete, conquistava-se uma mulher com uma phrase sentimentalista. Era o espirito que vencia.

Que bellos tempos!

VIRGEM DO PRINCIPE REAL. — Em S. Thomé



Desembarque de Sua Alteza na ponte da alfandega

nos, obrigando-nos a ver na sociedade cancores e masellas que nem suspeitavamos ou tinhamos o bom senso de não querer ver. Mas ainda ha mais; quando esses males não existem, o auctor toma a iniciativa de os inventar. Mostra a sua imaginação mas nós chamamos-lhe *realista*. Pela mesma razão talvez, porque achamos escriptas com muita naturalidade, certas descripções da China e do Japão onde nunca estivemos. Não é preciso ir tão longe: basta lembrarmo-nos da opinião geral sobre os quadros que apparecem nos romances de Julio Diniz, sobre scenas populares do Minho que a maioria não conhece. Mas essas, se não as podemos devidamente apreciar debaixo do ponto de vista da verdade, podemos ao menos saboreal-as como escriptas com simplicidade, com carinho até, se póde dizer, esboçando personagens de character são e de alma levantada, de quem nos tornamos amigos no correr da leitura. Depois de um livro d'esses o nosso coração sente-se aberto a todos os sentimentos altruistas.

Mas isso agora são pieguices.

Ibsen, Suderman, Tolstoi, expõem nas suas obras crimes que não remedeiam, males que não sabem corrigir.

A *Nora da Casa da boneca* como ha de remediar o mal que veio da sua imprudencia?

Era isto que eu queria que ensinassem. Se ella se não convence do seu crime, como não pode convencer-se porque o praticou por leviandade, quasi por inconsciencia, porque abandona assim as filhas, se no intimo se sente digna de as educar?

O que agora se exige principalmente em scena é naturalidade e realismo. Naturalidade dá-nos o grande Antoine, apagando as luzes da ribalta e contentando-se para illuminação da scena de um candieiro pendurado no tecto do palco, ou de uma véla de esteirina em cima da mesa de cabeceira, se se está n'um quarto de cama; o sufficiente para se não ver nada. Realismo, dar-nos-hia e completo o dramaturgo genial que seria um tachigrapho, reproduzindo á letra uma scena de familia. O interesse vae-se buscar a uma figura completamente phantasiada pelo auctor, a um degenerado como *Oswald Ahring* ou á *psychologia* do character incoherente e incomprehensivel de uma *Hedda Gabler*. Verdade e só verdade é o que exigimos, sem nos lembrarmos de que essas personagens existem com effeito, mas só nos manicomeos e casas de saude.

As mulheres, até as mulheres, esses deliciosos pequeninos nadas a quem d'antes contentava a leitura sã de *Romeu e Julieta*, até



Viagem do Principe Real. — Em S. Thomé
Arco triumphal na rua Alberto Garrido

(Clichés da Photographia Africana — S. Thomé).



Viagem do Príncipe Real. — Em S. Thomé. — Ornatações da rua Conde do Valle Flór

Hoje n'um baile de embaixada, ao apresentarem-nos uma mulher semi-nua, temos grande probabilidade de encontrar n'essa cabecita loira e n'esse corpo muito diaphano e decotado, uma creaturinha que não hesita em discutir conosco o amor livre á laia de *flirt*, defendendo o divorcio com a simplicidade de quem fala de um dia de *migraine*.

E' a isto que quer chegar a litteratura moderna, a grande arte educativa das massas? Crear as *semi-irgens* para depois Marcel Prevost as explorar em scena.

Recordo-me de ter lido algures em Victor Hugo, pouco mais ou menos o seguinte: *nunca se deve dizer a uma mulher coisas que ella não*

perceba, porque não percebendo, pensa e quasi sempre é asneira. E é por isso que a mulher progride, como progride a litteratura, como progride o modo de pensar do artista.

D'antes dizia o Cyrano com razão:

*Belles personnes,
Rayonnez, fleurissez, soyez des échantonnnes
De vice, d'un sourire enchantez un trépas,
Inspirez nous des vers . . . mais ne les jugez pas!*

Mas isto era no tempo em que ellas eram apreciadas pelos seus proprios e legitimos talentos de Musas e de Ideal, no tempo em que havia poetas que as cantavam e cavalleiros que se deixavam morrer por um beijo; e agora, rainhas desthronadas, agora que já não são *échantonnnes de vice*, que já não podem com um sorriso *enchantez un trépas*, vêm-se obrigadas a apreciar e criticar os versos que lhe foram feitos n'outros tempos, quando ainda dominavam pelo espirito e pela graça. E assim pouco a pouco se foram ellas transformando, moldando ás exigencias dos homens de agora, degenerando a ponto das suas virgindades já se não assustarem com conversas sobre amantes e intrigas escandalosas. Pois se as theorias modernas já chegam a defender e achar rasoavel o procedimento da esposa que abandona o marido, só porque o seu coração procura um outro, arrastado pelo amor á Schopenhauer! Que hão de ellas fazer com esta moral?

Mas ainda assim, grande parte das mulheres tem o bom senso de não querer ler. E porquê? Porque nunca lhe ensinaram o modo de raciocinar que é indispensavel para as leituras dos auctores de agora. N'este caso é uma vantagem para elles este systema em principio erroneo. E' o egoismo nosso que faz ver na outra metade da humanidade uma metade inferior ao nosso sexo. E sel-o-ha na realidade? Mil vezes não: diferente, sim e muito, inferior nunca.

O caracter e em geral a alma da mulher, longe de ser estigmatizado por uma tara do seu systema physiologico, resente se apenas da educação que desde creança tem recebido. Este erro de educação já vem de longe, de muito longe até, a ponto de a propria mulher se ter resignado, com o tempo, ao papel secundario que lhe tem sido distribuido na marcha do mundo. Ultimamente a reacção feminil tem se pronunciado com mais ardor, tendo já conseguido abrir caminho nos diferentes ramos da intellectualidade humana. A litteratura avançada estimula este movimento, como estimularia qualquer ideia nova; mas não é rasoavel. Se a mulher em geral, não pode justamente ser considerada inferior ao homem, não se pode tambem em todo o caso deixar de reconhecer a differença enorme que separa as duas metades do genero humano. Cada um dos sexos deve ter as suas attribuições distinctas em harmonia com as suas aptidões, sem que por isso se deva considerar qual-



Viagem do Príncipe Real. — Em S. Thomé
Ornatações da rua General Calheiros

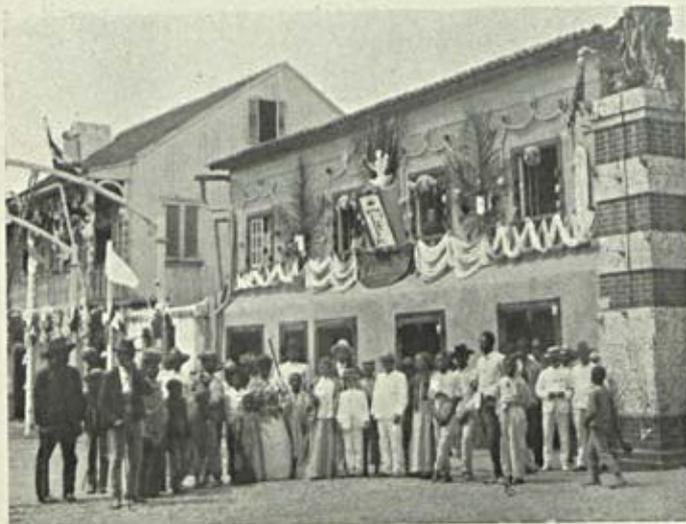
Clichés da Photographia Africana — S. Thomé.

quer d'elles inferior ao outro; como não pode haver superioridade frisaante entre um engenheiro e um medico.

A mulher é mais repentina, o homem mais profundo; a mulher vê melhor o que se passa em volta d'ella, o homem tem mais aptidão para tirar conclusões. O homem de ordinario não se satisfaz com as impressões sentidas; quer conhecer a causa que as motivou. Por isso o romance moderno deixou de ser uma obra de arte para se tornar uma obra de estudo. Ora essa obra de arte que agora parece não satisfazer o sexo forte, é que a mulher poderia perfeitamente produzir, para autenticar a sua não inferioridade, conservando-se na esphera intellectual que a natureza lhe marcou. Continuariam assim a sua missão de educadoras, desenvolvendo os bons sentimentos, a grandeza de alma da humanidade inteira, continuariam o seu papel de mães, começado junto do berço do primeiro filho.

O medo que os escriptores contemporaneos teem de se tornarem piegas com os seus romances sentimentaes, não o teriam ellas por serem mulheres e assim ver-se-hia a litteratura limpa dos grandes romances sociologicos que não conseguem senão desmoralisar.

Alphonse Daudet escreveu a sua *Sapho* como conselho aos filhos quando entraram na vida. Mas com o seu talento de estylista primoroso, deteve-se longamente nas discripções da verdadeira felicidade do pobre *Jean Gaussin*, sem se lembrar de que a mocidade que o lê se julga incapaz de praticar as loucuras do



Viagem do Principe Real. — Em S. Thomé

Decorações das casas Lima & Gama e Salvador Levy & C.^a

(Cliché da Photographia Africana — S. Thomé).

amante de *Sapho*; e aquella existencia de *collage*, em vez de assustar, tenta.

Nos maus exemplos impressiona-nos apenas o que elles teem de bello.

Amantes felizes, destruindo a tranquillidade de um casal, isso vemos nós todos os dias cobertos da aureola da gloria.

O marquez de *Priola* torna-se nos sympathico.

Quando lemos o theatre de Dumas filho, do purista de *Francillon* e de *Denise*, sentimo-nos francamente bem, ouvindo aquellas phrases cuidadas, torneadas, das differentes personagens que se não falam como nós falamos, falam como nós deveriamos falar. E em todes esses heroes vemos um perfeito modelo que deviamos imitar; caracteres de apparencia mais ou menos leviana mas almas bem formadas e cavalheirescas.

Porque não se escrevem já peças como a *Madrugada* e como a *Mantilha de renda*, com que Fernando Caldeira nos falava ao coração, nos dispanha bem e nos tornava bons? E' que a litteratura moderna tem que ser mais saigada, mais *raide*; mas então contemo nos com os contos de *Catulle Mendez* ou ainda mais, com as tantas publicações que por ahí existem; são frescas mas não desmoralisam.

Deixemos á litteratura os seus antigos fóros de bella-arte e não queiramos servir-nos d'ella para obter fins a que difficilmente pode chegar e nunca em todo o caso com a orientação que se lhe tem dado modernamente. Deixemos-lhe as qualidades de agradar por si propria, sem recorrer a capitulos de sciencia ou de philosophia pura, em volumes que não devem servir senão para deleite e descanso do espirito; o resto nas horas de trabalho e sem o pretexto do enredo do romance.

JORGE CASTILHO.

Viagem do Principe Real

Em Lourenço Marques



Arco triumphal á entrada da Avenida Aguiar

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

XXXVI

O mez das castanhas e do vinho novo. Todos os Santos e Baccho. O que dizem os que não gostam ou não podem beber vinho. Injustiça no caso. Que ha de beber um poco que produz o melhor vinho do mundo? Falso pudor e abominavel hypocrisia. — Canhenho pobre. Mal estar financeiro que não se comprehende. Um drama de amor.

Novembro é o mez das castanhas e do vinho novo. Desde que me entendo, — se é que eu me entendi algum dia — no primeiro de novembro, dia consagrado pela Igreja á commemoração de Todos os Santos, os entendidos mettem o espiche aos toneis e provam o primeiro vinho da colheita. Esta solemnidade repete se todos os annos com pontualidade e fervor. Pudera! N'um paiz es-



Viagem do Principe Real. — Em LOURENÇO MARQUES

Arco triumphal da colonia chinesa

(Cliché de J. & M. Lazarus — Lourenço Marques).

sencialmente vinícola, a prova do vinho é, naturalmente, um acontecimento do tomo.

Dizem os que não gostam de vinho, ou não o podem beber, que os foliões que em tal dia correm para fóra de portas prelibando gulosamente a prova do tinto, do branco e da água-pé, são bebados, havendo tal que afirma que Portugal dá uma percentagem de amigos da pinga relativamente superior á dos grandes paizes. Mas os intolerantes que tal affirmam, fazem a estatística atabalhoadamente, incluindo na designação "bebado, muita creatura que apenas é discreta, cautamente, devota de Baccho. Faz lembrar, essa estatística, as rusgas da nossa policia, em cuja rede vae, de cambalhada, com vadios e gatunos, gente limpa e honesta. Nada mais revoltantemente injusto. Se esses santos varões percorressem a Allemanha e a Inglaterra, veriam que em parte alguma do mundo se bebe como n'esses paizes — que não produzem vinho. Bebe-se por lá a artificialissima cerveja e o perversissimo alcool extreme, quando se não bebe, conjuntamente, as duas triagas. E o consumo é assombroso porque a embriaguez é um vicio pavorosamente alastrado em ambas as grandes nações.

Portugal não produz cerveja, a bem dizer. Aparecem por ahi, é certo, umas beberagens amarellas, engarrafadas e rotuladas de cerveja nacional. Mas como são más e carissimas, pouquissimos as bebem. De resto, é mais que natural, justissimo, que um patz que produz vinho assombrosamente — e que vinho! — repudie a aziuada triaga artificial que é a cerveja, triste e mau recurso de quem não tem uvas para pôr em piza.

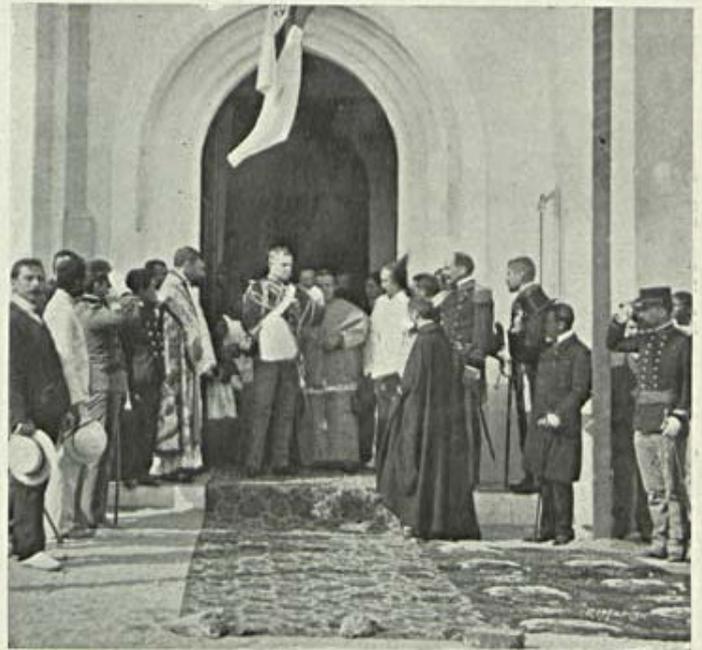
Mas se, lá fora, embarcar uma duzia de canecas de cerveja é tudo quanto ha de mais natural, entre nós, beber um copo de vinho é commetter um nefando crime.

Eu desejava que me dissessem porque achamos natural que um sujeito decente entre n'um café e tome deante de toda a gente um copo de cerveja e consideramos abominavel acção beber um copo de vinho isoladamente, sem o meio bife coonestador da perfida acção. Ratices de falso pudor, de uma deploravel hypocrisia.

Commigo se deu o caso seguinte. N'uma bella tarde de verão, entrei no Martinho muito encalmado, transpirando, sequioso. Quiz, naturalmente, tomar alguma coisa. Mas o que? Eu detesto a cerveja que me estraga o estomago. Gelados, não os tomo porque são perigosos. A agua é má e não é conveniente beber-a quando se transpira... Perguntava a mim proprio o que deveria tomar quando vi a uma mesa um respeitavel cavalheiro, velho amigo de minha familia. Fui cumprimental o e elle retribuiu o cumprimento gentilissimamente. Abanquei proximo do respeitavel cavalheiro, lembrando-me de que o Martinho é depositario do excellente vinho verde da lavra do dr. Mattos Chaves. Eureka! Venha meia garrafa de vinho verde. Bebi um calice com delicias. E quando pagava ao creado vi que o respeitavel cavalheiro sahira apoplectico, de sobre-cenho cerrado, sem se despedir. Que bicho mordera o bom homem?... Vim a saber mais tarde, por um parente que com o caso tambem ficou muito estomagado, que o cavalheiro respeitavel reprovava em phrase rude e calorosa o meu indecoroso procedimento bebendo um copo de vinho.

Somos assim, então! Deus que permittiu nascessemos com este feito lá tinha as suas razões. Mas temos que convir que Nosso Senhor quando fez o vinho não teve razão nenhuma. Ou sim, ou sopas...

Ora é por causa d'aquelle respeitavel cavalheiro e muitos como

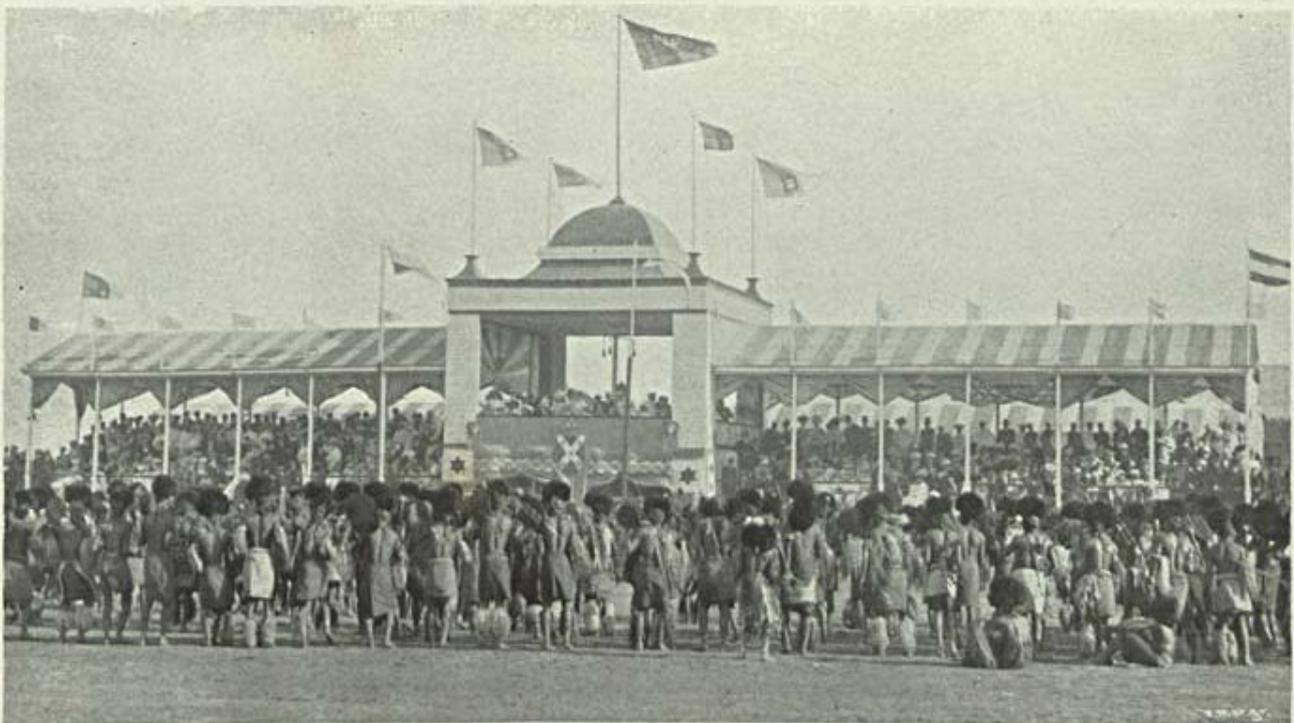


Viagem do Príncipe Real. — Em LOURENÇO MARQUES
Sua Alteza á porta da igreja onde se celebrou um Te-Deum
em acção de graças pela sua visita

elle, que no primeiro de novembro a gente tem grande difficuldade em encontrar umas tantas pessoas. Dir-se-ha que se somem pelo chão. Não somem tal. Andam fugidos, por esses quintalejos suburbanos a cujas portas e no meio de uma fumarada infernal as castanhas estalam — *ah das boas!* — convidando a entrar. Lá dentro está o perfido liquido que na cidade só se pode ingerir depois da sopa e convenientemente estragado com aguas mineraes.

E' curioso percorrer os arredores de Lisboa n'esse dia. As hortas e as adegas regorgitam. E' tal a concorrencia que se vê logo ser impossivel não ter a Virtude dispensado alguns dos seus fieis para engrossar o numero dos viciosos...

Lá fui, este anno, para vêr, desgraçadamente só para vêr. Não por virtude, que Deus sabe o reincidente peccador que eu sou, mas porque ha tempo a esta parte só bebo agua das Lombadas. Invejei a sorte d'esses felizes que com a bocca atafalhada de castanhas mergulhavam meia cara nas reluzentes malgas. Feliz gente que tem estomago rijo e ainda pode gastar o vinho aos lavradores e dar um alegrão á Real Associação Central de Agricultura Portugueza! "Deus vos conserve esse inestimavel bem!", dizia eu com os



Viagem do Príncipe Real. — Em LOURENÇO MARQUES. — Pavilhão onde Sua Alteza assistiu ao batuque indigena
(Clichés de J. & M. Lazarus — Lourenço Marques).



Viagem do Principe Real. — EM LOURENÇO MARQUES

Batuque indígena em honra de Sua Alteza no qual tomaram parte 20.000 negros

meus botões procurando com o olhar os grupos de desconhecidos que enchiam as adegas. Mas, de repente, estaquei, pasmo . . . A um canto, emburcando um cangirão, estava o respeitavel cavalheiro. Elle!...

... E' verdade que tinha deante de si uma fatia de lombo e ao lado uma hespanhola.

Sempre ha gente de muito alimento!...

..

Parece que haverá eleições e Deus as traga. Não é bem um acontecimento em folha, mas é sempre uma *reprise* sensacional, como agora se diz. Consta que serão em fevereiro, sem que S. Bartholomeu dos carneiros ande rez-vez pelo Entrudo. Justo. Temos feito tanta entrudada nas eleições que não será mau variar, fazendo eleições no Entrudo. Estou até em dizer, que só realisando-se o acto eleitoral no carnaval, se poderá saber de que lado está a nação, isto é, a quem o povo dará voluntariamente os seus votos. Para que lado penderá o batalhão de Campo de Ourique? Com quem votará a Dança da Bica? Para quem serão os suffragios da *cégada* dos Anjos?...

Relativamente a finanças, parece que as coisas não correm bem. Sobre o assumpto é tudo quanto posso dizer. Pelo visto, o mal de

que sempre enfermei atacou agora muita gente boa. Mas os symptomas são diversos. Assim, eu queixo-me de anémia algibeiral e os financeiros queixam-se de . . . exactamente o contrario n'uma lamúria a meu ver injustificada.

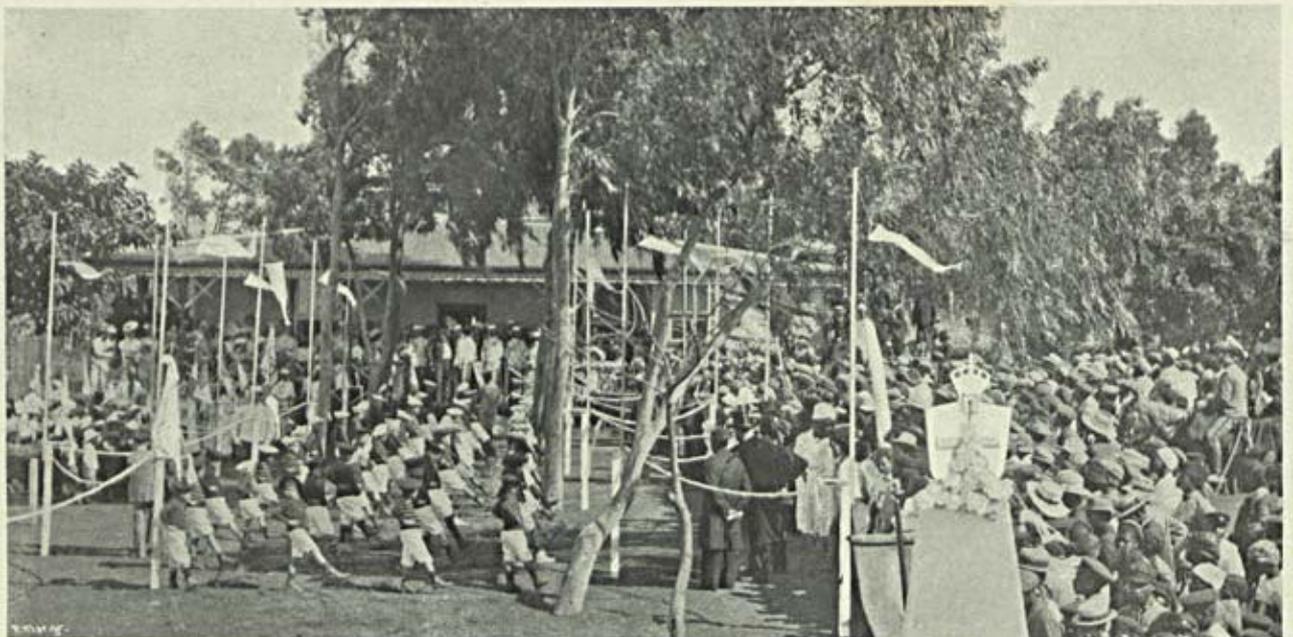
Parece que as libras, á hora a que escrevo, valem cinco mil e duzentos réis. Não percebo em que esteja, n'este caso, a calamidade, visto que ha dois mezes toda a gente estava satisfeita por ellas valerem quatro mil e seiscentos. Mas, emfim, os financeiros que se lamentam alguma razão teem. Eu é que não os entendo. Vantagem de não ter libras.

Ah! esquecia-me...

Ante-hontem, subia eu a minha rua quando uma menina, pallida como um cadaver, de olhos halucinados e vermelhos de chorar, chegou á janella de um terceiro andar e atirou para a rua uma mão-cheia de pedaços de papel. Fechou violentamente a janella e o seu vulto gentil desapareceu... Talvez um drama, porventura uma tragedia, pensei eu.

Baixei-me e juntei os papeis com mão trémula. Corri para casa. E uma vez junto d'esta mesa a que escrevo, reconstitui o manuscrito. Era a minuta de uma carta de despedida ao homem amado.

Não se julgue que vou servir á doentia curiosidade de quem me lê uma carta que é, certamente, o derradeiro grito de um coração que o desengano venceu. Mas para que os felizes da terra saibam



Viagem do Principe Real. — EM LOURENÇO MARQUES. — Festa escolar em honra de Sua Alteza

(Clichés de J. & M. Lazarus — Lourenço Marques).



[Viagem do Príncipe Real. — Em LOURENÇO MARQUES]

O dr. A. Baptista dos Remedios lendo perante Sua Alteza mensagem da colonia goana

que ha quem no silencio soffra as maiores angustias, sem dar um só grito que perturbe a felicidade dos outros, ahi vae a phrase final d'esse commovedor documento que eu reduzi a cinzas para que olhos profanos o não vissem.

"Deixas vago no meu coração um logar que ninguem preencherá. Nem o Mello e Souza..."

CAMARA LIMA.

Politica internacional

Não ha duvida que a Allemanha está atravessando uma hora difficil na sua vida politica e social. Ao extraordinario esplendor logo após as victorias de 1870, e que durante vinte annos fizeram d'ella a potencia hegemonica do mundo e o arbitro supremo da paz e da guerra, seguiu-se um periodo de depressão e mesmo de decadencia (se o compararmos com o anterior), no qual symptomas cada vez mais inquietadores com respeito á saude moral do imperio, se vão patenteando n'um crescendo que começa a preoccupar os espiritos mais ponderados da nação. Parece que Bismarck levou comsigo para o tumulo o segredo da prosperidade do imperio que com tanto amor e tão poucos escrúpulos elle ajudou a fundar, pois não ha difficuldade que desde então não tenha surgido, não ha incidente que se não tenha levantado com grave prejuizo para o nome allemão.

Ao sahir do poder, empurrado pelo seu imperial pupilo, deixou o Chanceller de Ferro a Allemanha temida no exterior, respeitada no interior até pelos seus mais irreconciliaveis adversarios. Que resta hoje d'esse passado prestigio, de toda essa força moral com que ella se impunha ás nações? Relativamente bem pouco.

Não quer isto dizer que o imperio allemão não seja ainda no momento actual um factor de primeira ordem e uma força de primeira grandeza no concerto das nações. O seu exercito de cinco milhões de homens e a sua esquadra de formidaveis couraçados, poderiam, se quizessem, pôr a Europa a ferro e a fogo. O seu commercio mundial e a sua industria de expansão sem par envolvem o mundo inteiro n'uma rede de interesses, que quasi fazem os outros paizes mais ou menos tributarios do *Deutsches Reich*. A sua sciencia, finalmente, é ainda na hora presente uma grande luz a irradiar por todos os cantos da terra civilisada. Mas apesar d'isto a Allemanha actual está longe de ser, em poder e consideração, o que foi nos primeiros vinte annos que se seguiram ás suas estrondosas victorias.

E' na politica internacional, sobretudo, que a situação da Allemanha baixou.

Até á ultima decada do passado seculo a potencia hegemonica na diplomacia europeia era o imperio allemão, graças não sómente á sua força propria mas ainda ao systema de alianças, que por todos os lados o tornavam inatacavel. A triplice alliança (a primitiva) e o entendimento com a Russia eram a dupla base em que asentava todo o edificio da politica internacional de Bismarck. Que é feito hoje d'essa engenhosa obra diplomatica? A triplice alliança findou o seu papel, tendo-lhe escripto a Italia em Algeciras o epitaphio. Emquanto ao entendimento russo-allemão está elle substi-

tuido pela alliança franco-russa, que foi o signal precursor do desabar das garantias internacionaes do imperio.

Hoje a Allemanha, quando ainda não passou uma decada sobre a morte de Bismarck, encontra-se absolutamente isolada no meio da Europa e completamente immobilisada nas outras regiões do globo por onde ella sonhava estender a sua acção preponderante. Na China a alliança anglo-japoneza tirou-lhe toda a possibilidade de engrandecimento.

Na America a doutrina de Monroe obrigou-a a desistir dos seus sonhos de colonisação politica no Brasil. Na Asia Menor e Central o accordo anglo-russo fechou-lhe para sempre as portas. Em Marrocos o entendimento anglo-franco-hespanhol poz ponto ás suas pretensões de adquirir um porto na costa marroquina do Atlantico. Quer dizer, a Allemanha, que ha quinze annos dispunha a seu bel-prazer de todas as allianças, está hoje reduzida a uma unica e essa ainda assim bem precaria, a da Austria, porque com a Italia é indubitavel que já não pode incondicionalmente contar.

Se da situação internacional se passa á situação interior, a perspectiva não é melhor. O principio da auctoridade está muito mais enfraquecido. O laço, que liga os diversos estados ao imperio, muito mais frouxo. A posição dos partidos muito mais baralhada. A confiança sobretudo e a serenidade, que d'essa confiança deriva, substituidas por uma permanente inquietação e um estado de nervosismo, que domina todas as esferas, desde as do governo até ás da opinião publica. Nem escapa a este movimento geral de depressão o proprio exercito que, durante tanto tempo, foi a arca santa intangivel do novo imperio. Cada vez com mais frequencia veem a lume revelações, que vão espalhando a duvida ácerca da efficacia da instituição basica do imperio. A interrogação *Jena oder Sedan* já se não formula simplesmente em romances de sensação. Passa do dominio da litteratura para as columnas serias das publicações especiaes e, com provas esmagadoras ou fortissimas presumpções, discute-se a decadencia das instituições militares, que talvez já não fossem capazes de repetir os heroicos feitos do glorioso cyclo de 1870-1871. Pelo menos a campanha da China e a guerra contra os Herreros não são de molde a dissiparem as justificadas apprehensões dos espiritos previdentes.

Só aos cegos podem passar despercebidos estes diversos symptomas, que se estão produzindo no seio e em volta do imperio allemão. E' ainda um colosso, não ha duvida. Mas mais de um sincero patriota pergunta se não terá chegado para elle já a hora irremediavel da decadencia?

Os ultimos e escandalosissimos processos de Berlin vieram dar nova força e uma palpitante actualidade a esta interrogação. Depois dos dias sombrios da baixa Roma imperial não se tinha, effectivamente, visto nunca cousa assim! A propria lama do Panamá chega a parecer de alva brancura ao lado da repugnante vasa, que durante alguns dias correu em plena capital do Imperio. O que admira é que a opinião publica se não tivesse pronunciado de um modo mais ruidoso contra os tristes heroes do tribunal, que arrastaram por todas as immundicies o nome allemão perante o estrangeiro. Isto é de tudo quanto se passou o indício mais grave sob o ponto de vista nacional. Criminosos e degenerados houve-os sempre em todos os tempos e em todos os paizes. Nem são elles, as excepções do vicio, que servem de indice á moralidade de um povo. O que é symptoma mais inquietador, porém, é a fraca reacção da sociedade contra essas anormalidades, significando pelo menos uma tolerancia que não constitue bom agouro. Ora a impressão que os ultimos julgamentos de Berlin produzem no observador desapassionado, é que a opinião publica, de resto dividida com relação aos accusados, não castigou bastante com o seu desprezo os protagonistas da homosexualidade, agora tanto na ordem do dia, por uma aberração verdadeiramente inacreditavel em pleno seculo xx. Não



Viagem do Principe Real. — Em LOURENÇO MARQUES

Sua Alteza lançando a 1.ª pedra para o edificio destinado ás reuniões publicas

(Clichés de J. & M. Lazarus — Lourenço Marques).



Viagem do Príncipe Real. — Em LOURENÇO MARQUES

Sua Alteza lançando a primeira pedra da ponte Unwolosí do caminho de ferro da Swazilandia

ha duvida que alguns dos visados pela campanha de difamação contra elles empreendida foram indirectamente absolvidos e declarados isentos de macula pelo tribunal. Entre estes deve contar-se o proprio chancellier, principe de Bülow, na querella que promoveu para se desaffrontar contra o pamphletista Brandt. Mas em primeiro logar não foi este o caso com todos os accusados, por exemplo com o conde de Moltke e com o principe de Eulemburgo, no processo Moltke Harden, e depois, mesmo aos que foram indirectamente absolvidos, o simples facto da accusação representa um desprestigio de tal ordem, que mal custa a comprehender como lhe puderam sobreviver no desempenho das mais altas funcções. Aos homens publicos, mesmo aos innocentes, applica-se lhes inexoravelmente o conhecido prologo: — "a mulher de Cesar nem deve ser suspeita..."

Os ultimos processos de Berlin, sobretudo o de Moltke-Harden, teem além do aspecto moral, que é repugnante, o aspecto politico que a ninguem deve passar despercebido. Pouco importa saber agora se a camarilha, em que eram figuras primaciaes o conde de Moltke e o principe de Eulemburgo, estava ou não manchada com os sujos vicios que o jornalista Harden lhe attribuiu. Para o aspecto politico da questão basta que se saiba, que em volta do imperador havia uma camarilha omnipotente, que sobre o espirito de Guilherme II tinha influencia decisiva. Quando o imperador teve noticia pelo kronprinz das accusações, que contra os seus favoritos se levantavam, esses favoritos foram despedidos do serviço imperial, não ha duvida. Mas, se sob o ponto de vista moral a questão ficou d'essa fórma resolvida, sob o ponto de vista politico ficou provado que, ao contrario do que se suppunha, Guilherme II não fazia differença dos outros chefes de estado, que muitas vezes não passam de ser simples manequins nas mãos dos seus aulicos. E semelhante revelação causou a sensação que era de esperar.

Tem o imperador sido accusado de demasiadamente voluntarioso, de impulsivo, de querer dirigir pessoalmente pelo seu crite-

rio particular toda a politica do imperio. A este desejo irresistivel de mandar, no sentido mais imperativo da palavra, se attribuiu o ter elle despedido do governo o grande Bismarck, sem consideração pelos relevantes serviços que o primeiro chancellier prestára á nação alemã. Desde então sempre se suppoz, que Guilherme II era um verdadeiro autocrata, o primeiro ministro de si mesmo, como o ficou sendo Luiz XIV depois da morte de Mazzarino. Nem valia a pena ter-se emancipado da influencia de Bismarck para ser dominado por politicos de segunda e terceira ordem, sem situação definida no mecanismo politico do imperio e apenas constituídos em "poder occulto, para mais facilmente poderem intrigar contra os verdadeiros ministros responsaveis, que assim se viam illaqueados na sua liberdade de acção e não raro precipitados do poder por mão mysteriosa, como aconteceu com o general Caprivi, cheio de boa vontade, com reaes qualidades politicas, de uma honorabilidade acima de toda a suspeita, e a pouco trecho inutilizado como chancellier. Ora isto que parecia inverosimil, em que ninguem até hontem acreditaria, ficou hoje demonstrado depois das sensacionais revelações do processo Moltke-Harden, que se constitue um capitulo instructivo sobre a evolução moral da moderna Alemanha, não deixa de ser tambem interessantissima pagina para a historia politica do contemporaneo imperio.

CONSIGLIERI PEDROSO

Idéas japonezas

Depois de Barzini, correspondente do *Corriere della Sera*, de Milão, no theatro da guerra russo-japoneza, que seguiu toda a campanha do lado japonéz, foi sem duvida M. Ludovic Nandean, correspondente do *Journal*, quem soube melhor descrever, vistas do lado russo, as peripecias d'esse extraordinario duello.

Feito prisioneiro na debandada de Mukden, foi transportado para o Japão, onde, para não perder o seu tempo, se entreteve em estudar a curiosissima psychologia do povo vencedor.

As suas mais bellas correspondencias são talvez as que elle escreveu então, referindo-nos com interessante minuciosidade as suas observações sobre a civilização japoneza, sendo um dos seus ultimos estudos o que tem por assumpto a contradicção que se nota entre certas idéas e habitos do Japão e as idéas e habitos occidentaes.

São tão numerosos os exemplos que elle nos aponta que a sua causa primaria não pode deixar de ser uma differença de mentalidade entre as duas raças.

Eis algumas d'essas divergencias de que Nandean pôde verificar a realidade:

Na Europa começa-se a construcção d'uma casa pelos alicerces; no Japão o que os operarios estabelecem logo no principio dos seus trabalhos é o telhado.

O marceneiro europeu impelle a plaina e a serra para diante, quando trabalha; o marceneiro japonéz puxa para si aquellas ferramentas, que estão fabricadas de modo a serem empregadas n'um sentido que nos parece falso mas que, no Japão, é considerado como o do bom senso.

O parafuso e a lingueta japonezas movem-se em direcção opposta á que seguem na Europa.

Na Europa as portas abrem-se girando sobre um dos seus lados verticaes; no Japão, abrem-se as portas deslizando sobre um dos seus lados horizontaes.

A costureira europeia enfia a sua agulha; a japoneza *agulha* o seu fio, isto é, segura a extremidade do fio immovel e vertical e procura applicar



Viagem do Príncipe Real. — Em LOURENÇO MARQUES. — Excursão de Sua Alteza ao campo de Marracuene

(Clichs de J. & M. Lazarus — Lourenço Marques).

n'essa ponta o buraco da agulha. Quando cose, a costureira européa faz correr a agulha através do tecido ao passo que, quasi sempre, a costureira japoneza, franzindo a fazenda, a empurra para a agulha segura horizontalmente.

Os *massistas* na Europa esfregam os musculos do freguez, dirigindo sempre os seus movimentos no sentido do coração; os verdadeiros *massistas* japonezes operam a sua fricção por fórma que os seus gestos parecem repellar o sangue para as extremidades do paciente.

O esgrimista européu, para dar uma cutilada com o sabre, abaixa a lamina, chamando-a a si por um movimento centripeto; o esgrimista japonéz abaixa a arma, afastando-a de si, por um movimento centrifugo.

Na maneira de escrever e de ler, são inteiramente diversos os costumes das duas raças.

Os japonezes escrevem de cima para baixo em columnas verticaes que se seguem da direita para a esquerda.

E assim como escrevem ás avessas, os japonezes compõem as suas phrases ás avessas.

Uma phrase japoneza é uma phrase européa virada de traz para diante, amalgamada, triturada, cujas palavras parecem ter sido misturadas por um compositor ébrio.

Os livros japonezes começam onde os nossos acabam e acabam onde os nossos começam; as notas apparecem no alto das paginas e não em baixo; os impressores dos jornaes collocam um enorme ponto diaute da primeira palavra de cada artigo!

Quando escrevem o endereço de uma carta, os japonezes seguem invariavelmente a ordem seguinte: nome do paiz, nome da provincia, nome da cidade, nome do bairro, nome da rua, numero da casa, finalmente nome do destinatario. Passam ainda do geral para o particular e não do particular para o geral.

N'este ultimo ponto são os japonezes que teem razão e como elles é que todos deveriamos fazer os endereços da nossa correspondencia. E' evidente que a indicação do paiz do destino é a que interessa logo ao primeiro rodizio da machina postal, a incumbida do transporte da carta. Deve ir pois em primeiro logar. As indicações da rua e do nome do destinatario são as ultimas de que essa machina toma conhecimento na derradeira phase do serviço: a distribuição e entrega. Devem pois ser escritas no fim, depois de todas as outras.

Quando um europeu quer ler, eleva um jornal aos olhos; o japonéz, verdadeiramente japonéz, abaixa-se para o volume ou para o jornal. Colloca-o no sobrado, depois ajoelha, inclina o busto, projecta o rosto para baixo e o seu raio visual para os caracteres que deseja decifrar.

Não se pode afirmar que a attitude seja muito commoda e graciosa. Não param porem aqui as divergencias.

As mulheres européas trazem os filhos nos braços; os japonezinhos desde a mais tenra idade, andam escarranchados nas costas das suas mães.

Os olhos grandes equivalem na Europa a bellos olhos; no Japão, o que se admira são os olhos em fenda. Tambem os cabellos frisados ou anelados gozam de grande valor na Europa; no Japão a mais leve ondulação dos cabellos é considerada como uma deformidade.

Quando trepamos a uma arvore ou nos içamos ao longo d'uma corda vertical, costumamos apertar a arvore ou a corda com as pernas ou os joelhos entrecruzados.

O japonéz applica sobre o tronco da arvore a planta dos pés, como se os pés fossem mãos. E quasi o são.

E se é a uma corda que quer trepar, agarra-a entre o dedo grande do pé e segundo dedo, o que lhe permite executar a sua ascensão com rapidez surpreendente.

As idéas dos japonezes em materias de pudor são tambem muito surprehendedentes.

A nós, europeus, choca-nos a nudez quando se nos mostra na vida ordinaria, quando é viva, quando é a nudez pura, simples, sem artificio.

Mas deleitamo-nos com o nú chamado artistico e admiramos quadros e estatuas em que a nudez se exhibe com todos os seus artificios.

Os japonezes não podem comprehender isto. A nudez natural é a que elles acham . . . natural. Por uma das suas convenções sociaes, está entendido que não olham para ella e que portanto a não veem. Mas não lhes entra na cabeça que se pudesse ter feito um desenho de academia sem intenção de obscenidade e é n'esse espirito que consideram todo o estudo de nú . . .

Despir-se uma pessoa para tomar um banho, ás vistas de quem passe, é coisa que não perturba no Japão nem as mulheres nem os homens. Mas a mesma dama que não pensa em se dissimular quando alguém venha rondar perto da sua sala de banho, no momento em que ella entra na tina ou saia d'ella, recusar-se-hia energicamente a decotar-se para ir a um baile (se se dessem bailes no Japão) pois que o decote envolve para a japoneza uma intenção, uma idéa premeditada, que offende o seu pudor.

São estas as differenças mais interessantes que se notam entre a mentalidade dos japonezes e a dos europeus, differenças que o tempo e o contacto mais intimo entre as duas raças hão de atenuar primeiro e fazer desaparecer mais tarde.

Acada canto de jornal se insinua que o saber soletrar uma pagina de lettra de imprensa e escrever sem idéas nem orthographia uma carta, melhora a condição do sujeito, civilisa e corrige o instincto do vicio e do crime. Seria bom argumentar com os factos. Villa Nova de Famalicao é a mais estúpida comarca da provincia do Minho, depois de S. João. Na aldeia em que vivo ha vinte annos, não ha um alumno de escola. Nas outras do concelho, de longe a longe, apparece um mestre de primeiras lettras, sem discipulos. Pois em todo o Minho, exceptuado S. João, não ha comarca em que a estatística da criminalidade seja menor e mais significativa de uma avançada civilisação. O mais notavel

crime aqui perpetrado, nos ultimos dez annos, foi um fraticidio não praticado por um analfabeto, mas por um regressado do Brazil com bastante leitura de almanaks e uma caligraphia muito regular.

Gamillo Castello Branco.



Antonio Chaby Pinheiro

(Cliché Fernandes — Lisboa).

Um pé em Lisboa, um pé no Rio de Janeiro e o resto occupando todo o espaço que vae da bahia do Tejo á bahia do Guanabara. Pode suscitar-se duvidas sobre se elle será ou não o mais popular dos nossos artistas de theatro; sobre ser de todos o mais vastos é que não ha duas opiniões. Não lhe bastaria, porém, essa originalidade se outras não tivesse. Tem a de talento, a da graça no dizer, a da arte na fórma de dar vida ao personagem. Rico de todos estes dons quem se atreverá a chamar-lhe pobre?

Theatros

D. Maria, *Fraquezas humanas*. — **D. Amelia**, *Mão esquerda*. — **Gymnasio**, *O filho milagroso*. — **Trindade**. — **Avenida**. — **Príncipe Real**. — **Rua dos Condes**. — **Colyseu dos Recreios**.

Tres peças novas — mas nenhuma original portugueza — nos deram, na quinzena decorrida, os theatros de Lisboa. Por emquanto é a França, sempre inexgotavel, que continua a alimentar o theatro portuguez.

Em **D. Maria** teve a palavra Brieux, o afamado auctor da *Maternité* e da *Robe rouge*.

Les Hanneçons, ainda não conhecida em Lisboa, e muito correctamente traduzida para aquelle theatro pelo sr. Carlos Trilho, é como o proprio auctor o disse, uma comedia simples e alegre que nada se parece com as suas obras anteriores. *Fraquezas humanas* lhe chamou o traductor, procurando talvez com este titulo de tolerancia justificar n'esse theatro do Estado qualquer escabrosidade que a peça possa apresentar.

Na observação das scenas, palavras e situações, que constituem os tres actos das *Fraquezas humanas* ha mais de realismo e de verdade que de theatro. E no desempenho Adalina Abranches dá a esse realismo um tão forte destaque, que a collaboração, na peça, d'esta actriz de verdadeiro talento, valorisa e avigora a obra de Brieux. E' um trabalho completo, á altura do qual justo é que se cite o de Ignacio, que lhe deu toda a vivacidade e brilho, e por fim, com uma *fraqueza humana* que á observação do auctor não escapou, sustenta superiormente o seu difficil papel.

Outro trabalho digno de menção é o de Joaquim Costa, sempre consciencioso e correcto, e em personagens secundarios, Jesuina Motilli, Araujo Pereira e Pinto Costa, dão á interessante comedia franceza unidade artistica no desempenho.

Outro original franzez: a *Mão esquerda*, em **D. Amelia**. E' uma comedia viva, um pouco petulante, com situações de alto interesse comico, brilhantissimo dialogo, e figuras bem talladas, acabando por effeitos de moralidade irreprehensivel, como é da velha praxe. E tão moralista é esta comedia, que Santos Tavares verteu para um excellent portuguez, que o protagonista d'ella, ao contrario da maior parte dos protagonistas da vida real, quem ama a valer não é a amante, mas a propria mulher. Em torno d'este motivo gira toda a acção que não pode ser mais interessante nem mais graciosa, e que é realçada pelo desempenho magnifico de Augusto Rosa, pelo trabalho sobrio e artistico de Maria Falcão, os quaes tiveram

a acompanhá-los, contribuindo para o bello *ensemble* do desempenho: Josepha de Oliveira, Alexandre Azevedo, Alves, Chaby, Cecilia e Senna.

Le fils du miracle, comedia hilariante, que fez successo em Paris, está destinada, ao que parece, a fazer no theatro do **Gymnasio** a mesma carreira theatral com o titulo pouco feliz de *O filho milagroso*, que o sr. Portugal da Silva com os seus meritos de traductor, em toda a peça confirmados, podia ter substituido por outro, ou mais á lettra com relação ao titulo francez, ou mais proprio para dar ideia da acção ou fins da peça.

N'esses tres actos, Savoult e Charvey confirmaram além do seu já reconhecido talento, um exequível conhecimento do theatro.

E talvez essa comedia, picante em excesso, fira os ouvidos innocentes das filhas de familia, talvez não seja a mais propria para atravessar um reinado de virtude, como aquelle a que o actual está trazando, mas, em compensação é uma obra completa do espirito francez, com todos os seus imprevistos, com a sua interminavel serie de episodios qual d'elles o mais comico, com toda a sua espirituosissima *charge* a alguns dos artigos do codigo francez.

Por isso o triumpho foi grande em Lisboa como o fôra em Paris, tendo para elle contribuido aqui em larga escala o desempenho magnifico de Valle, aquelle impagavel *curador de ventre* e todo o excellento trabalho de Jesuina Saraiva, Soller, Alegrim, Albuquerque, Rosa de Andrade e Judith de Mello.

Continuam os outros theatros de Lisboa a explorar as peças dos seus reportorios, que teem tido maior exito.

A **Trindade**, emquanto não sobe á scena a magica *A semana dos nove dias*, vae attrahindo o publico todas as noites com a *Lenda do Folle*, as *Tangerinas magicas*, a *Filha do tambor mór*, e todas essas peças que teem feito maior carreira.

O **Avenida** com a revista *Pra frente* mostra todas as noites que a empresa caminha com o mesmo denodo que o governo e que a divisa por elle adoptada na politica tem a mesma força em valor adoptada no theatro.

O **Principe Real** que de tantos *matadores* tem enchido o *O da guarda* faltava-lhe agora enriquecel-o com um quadro novo, *A companhia das aguas*, que está chamando ao theatro mais espectadores que aquella companhia tem de accionistas.

A revista *No descanso* continúa na **Rua dos Condes** a desopilar os figados dos incorrigiveis *habitues* d'aquelle theatro, e finalmente o nosso **Colyseu dos Recreios** que dá cada noite que corre ao seu numero publico um fartote de tigres, acaba de enriquecer os seus espectaculos com um numero de sensação: miss Verdier, um verdadeiro prodigio musical e já annuncia para breve um phenomeno de estrondo: Steens, para quem as mais fortes prisões e cadeias são como um brinquedo em mãos de criança.

JAYME VICTOR.

P'ra frente

Revista em 3 actos de Camanho Garcia e Ayres da Costa, actualmente em representação no theatro da Avenida



Segundo acto



Terceiro acto